



ARGILA E MEMÓRIA NA ARTE CONTEMPORÂNEA A PARTIR DO TRABALHO DE ANNA MARIA MAIOLINO E CELEIDA TOSTES

Artur Strauch Pinto Dantas Cunhaⁱ
UNICAMP

RESUMO

Este estudo está associado ao PIBIC 2023-2024, propõe uma investigação das obras de Anna Maria Maiolino e Celeida Tostes, com o objetivo de explorar a intersecção entre a materialidade da argila e a memória na arte contemporânea. Isto é, entender como esse material, aplicado na prática artística em suas múltiplas possibilidades, pode servir como dispositivo para recordar vivências. Para essa análise, partimos da discussão levantada por Henri Bergson (1999) sobre a relação intrínseca entre memória e percepção, para nos aprofundar especificamente no caso da argila como material provocador da capacidade de resgate da lembrança nas artes visuais, assim analisada a partir do trabalho dessas artistas.

PALAVRAS-CHAVE

Memória; Anna Maria Maiolino; Celeida Tostes; argila nas artes visuais.

Introdução

Este estudo investiga a intersecção entre a materialidade da argila e a memória na arte contemporânea através das obras das artistas Anna Maria Maiolino e Celeida Tostes. O objetivo inicial é compreender como essa relação se manifesta em um contexto mais amplo, dentro do campo da poética artística contemporânea, por meio da análise de referências, como livros, artigos, entrevistas e filmes, que exploram essa conexão. Posteriormente, busca-se contextualizar no âmbito específico das artistas mencionadas.

Utilizando a argila como elemento central em suas produções, essas artistas trazem à tona suas vivências, as quais ocasionalmente reverberam na experiência coletiva. Ao examinarmos suas obras, podemos compreender como elas contribuem significativamente para a discussão sobre a relação entre o barro e a memória na poética artística contemporânea. Apesar de suas origens distintas - Maiolino, uma imigrante italiana que chegou à América do Sul no período pós-Segunda Guerra, e Celeida, nascida e criada no Rio de Janeiro - seus trabalhos convergem não apenas pelo uso da argila, mas também pela proposta de utilizar esse material como um catalisador para narrar suas vivências. Explorar como essas memórias se manifestam em suas obras, investigando se são evocadas pelo contato com a materialidade da argila ou se existem anteriormente a esse processo, é um dos aspectos relevantes para esta pesquisa.



Corpo, matéria e memória

No processo artístico de Anna Maria Maiolino e Celeida Tostes, a atividade manual vincula-se, intrinsecamente, à utilização do barro. Em suas propostas, notamos a presença de uma prática artística tradicional, na qual a intervenção da máquina é ausente, ressaltando a característica manual. Nessa mesma direção, encontramos na interação entre o corpo e a argila no processo de construção da obra, forte associação desses elementos como catalisadores da memória. Henri Bergson reconhece no corpo um “limite móvel” entre passado e futuro, implicando que o corpo não apenas recebe essas experiências, mas também as revive. (Bergson, 1999, p. 78). Com base no exposto, observa-se que, ao optar pela argila como material, o corpo adquire um lugar de destaque na elaboração do trabalho artístico e, por consequência, evidencia um processo de rememoração.ⁱⁱ

Evidentemente, essa observação não abrange todas as obras que fazem uso da argila, afinal pode ser uma escolha do artista empregar técnicas que não envolvam o contato físico com o material. No entanto, como mencionado anteriormente, no processo criativo dessas duas artistas, a interação manual com o barro é essencial. Esse contato direto entre o corpo e o material permite que suas percepções sobre a matéria modelada se tornem evidentes em seus trabalhos. Além disso, mais do que simplesmente deixar marcas das mãos, ao longo desse processo de interação com a argila, é possível que sentimentos e experiências sejam evocados, elementos que talvez não surgiriam em uma produção mais mecanizada, com o uso de máquinas e a ausência do corpo no processo de criação da obra.

À luz das ideias de Bergson, quando se molda a argila, o contato com a matéria faz com que o corpo também se conecte a experiências passadas. Mais do que isso, o indivíduo se reconecta com as possibilidades que o barro pode evocar em sua consciência, que posteriormente se traduz como forma no produto artístico. Esse material estabelece, durante o processo artístico, uma ligação entre o indivíduo e a terra, evocando sentimentos relacionados a esse elemento anteriores ao contato em questão. Com suas ambiguidades, oscilando entre o macio e o sólido, a argila convida o artista a questionar os diferentes estados da matéria, por vezes levando-o a uma reflexão sobre sua própria corporeidade. Como Bachelard observa, “A argila também será, para muitas almas, um tema de devaneios sem fim. O homem se perguntará indefinidamente de que lama, de que argila ele é feito”ⁱⁱⁱ.

Anna Maria Maiolino torce rolos de argila e os expõe sem queima, em um processo repetitivo que visa revelar o próprio manuseio da matéria. Na Documenta 13 de Kassel (2012), Maiolino dispõe as formas sobre uma bancada de cozinha no espaço térreo da antiga casa do jardineiro do parque Karlshausen (img. 01). Na argila, incorpora-se o gesto da mão. Os movimentos de moldar a massa, ligação direta com sua origem italiana. Acerca disso, a artista conta: “Eu nasci durante a guerra, sou de 1942. E, obviamente, na minha casa quando vinha muita gente, toda a superfície possível – a cama, etc. – era tomada pela pasta feita em casa.”^{iv}. A memória percorre o trabalho em diversos momentos, e assim ela reflete sobre sua origem e sobre a formação de



sua identidade como ítalo-brasileira, tanto quanto a memória que aquele espaço carrega consigo.

“O barro, incorporado ao meu trabalho com o tradicional método dos ceramistas de todos os tempos, chamados Rolinhos ou Cobrinhas, fazendo parte do meu discurso. [...] O ato poético repousa na experiência de nosso passado em comum.” (Maiolino, 1999).

Ao apropriar-se das formas básicas por meio da manipulação manual da argila, a artista consegue acessar uma memória anterior à sua própria experiência de vida, remontando aos primórdios da humanidade. Anna Maria Maiolino utiliza o corpo como molde primordial, imprimindo na matéria a sensibilidade tátil em seu estado mais primitivo.^v Contudo, conforme ela mesma enfatiza, é impossível dissociar a obra de sua experiência individual; pelo contrário, isso adiciona um novo plano de análise que amplia a multiplicidade de significados que seu trabalho pode alcançar.



Imagem 1. Anna Maria Maiolino, Aqui e lá, 2012. Kassel, Documenta 13. Fonte: DW Brasil.

Para discutir sua participação na Documenta 13, Maiolino visitou Kassel pela primeira vez, explorando locais como o antigo campo de concentração em Breitenau e a casa do jardineiro no parque Karlsaue, com conexão aos Irmãos Grimm. O contraste entre a memória dolorosa do campo de concentração e o ambiente das fábulas influenciou sua obra "Aqui e lá". Em sua entrevista à DW, ela justifica sua escolha do espaço doméstico, expressando o desejo de abordar poeticamente esse ambiente. Nas palavras da artista: "Então quando vi aquela casinha, pensei: eu quero essa casa, porque é um espaço a ser tomado poeticamente a favor da vida.". Daí, Anna Maria Maiolino começa a trabalhar na instalação "Aqui e lá", no original "Here & There", com



o título que utiliza dois advérbios, pela escolha da artista de ocupar o interior e o exterior da casa.

Para os “Amassadinhos”, Celeida convida as pessoas a apertarem um punhado de barro para capturar seu gesto. O objetivo dela nesse processo é bem claro, capturar a relação entre o indivíduo e o barro, onde as mãos indicam o caminho para a matéria, respeitando as astúcias do material, e a importância do tato na experiência humana. Diversos grupos participaram dessa experiência proposta por Celeida, incluindo artistas, professores, alunos do Parque Lage, da UFRJ e do Chapéu Mangueira, presidiários do complexo Frei Caneca, prostitutas da Vila Rosali, moradores de rua, visitantes do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e doutores da Coppe UFRJ^{vi}, acrescentando mais uma dimensão poética ao projeto através da diversidade de participantes que se relaciona diretamente com a história da artista.



Imagem 2. Celeida Tostes, Gesto Arcaico, 1991. Fonte: Galeria Superfície.

Na 21ª Bienal Internacional de São Paulo (1991), Celeida apresentou a instalação intitulada "Gesto Arcaico" (img. 02). Este trabalho consistia em três paredes que cobriam uma área aproximada de trinta e seis metros, nos quais estavam fixadas cerca de vinte mil peças de argila produzidas em mutirões organizados pela artista. No chão, encontrava-se uma imensa roda vermelha feita de isopor recolhido e coberta de barro. Além disso, o trabalho incluía a projeção de um vídeo que registrava a participação das diversas mãos no processo de produção da obra. O título da instalação refere-se ao gesto aplicado sobre o barro, à ação reflexa da mão sem intenção de formar algo específico, mas que, a partir do olhar, vai construindo sua própria história e desvendando a memória contida naquele punhado de barro. Celeida descreveu que a organização dos objetos tinha a intenção de confrontar o "ato de construção do objeto e a construção técnica na referência do olhar" ^{vii}[OBJ].



De maneiras distintas, ambos os trabalhos exploram suas potencialidades expressivas de maneira eficaz, abordando como a argila pode suscitar discussões sobre a memória, sempre enraizadas no contexto em que foram concebidos e apresentados. Na circunstância do barro, o gesto assume o protagonismo, independentemente de como é aplicado, provocando reflexões sobre a impressão do toque sobre o material e seus múltiplos sentidos. Essas artistas optaram por incorporar a mão humana em suas produções, seja através de um processo individual ou da participação do coletivo. Por meio do estudo sobre elas, percebemos em suas biografias uma relação com a argila que precede até mesmo o reconhecimento delas como artistas. Esta pesquisa se baseia nessas referências para compreender como, a partir desses trabalhos, ocorre a interseção entre a materialidade da argila e a memória na arte contemporânea.

Considerações Finais

Através desses trabalhos, os quais a argila se apresenta como protagonista, essas artistas encontram meios de reviverem experiências que são formadoras de sua subjetividade, sendo impossível desvencilhar sua obra de sua biografia. Ao analisarmos tanto "Aqui e lá" de Anna Maria Maiolino quanto "Gesto Arcaico" de Celeida Tostes, torna-se claro como essas artistas estabelecem conexões entre o gesto de moldar a argila e a rememoração, que é uma parte fundamental da construção de suas obras. Isso, por sua vez, contribui para a compreensão dos processos poéticos presentes em suas criações em argila. Ainda, ao longo da pesquisa, identifica-se a relação entre a corporeidade com o fenômeno da rememoração, através dos pensamentos de Bergson, que contribui para reflexão sobre o trabalho das artistas. Dessa maneira, podemos considerar a importância de estudar o modo que essas memórias se manifestam na produção artística de Anna Maria Maiolino e Celeida Tostes, explorando se são evocadas pelo contato com a materialidade da argila ou se existem anteriormente a esse processo.

Referências

ALBUQUERQUE, Carlos. **Artista brasileira é destaque na Documenta em 2012**. DW, Bonn, 13 jun. 2012. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/artista-brasileira-é-destaque-na-documenta-em-2012/a-16032053>>. Acesso em: 26 dez. 2023.

ARAUJO, Marcelo Mattos et al. **Anna Maria Maiolino**. Catálogo da Exposição "Anna Maria Maiolino: entre muitos", realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2006, e "Anna Maria Maiolino: territories of immanence", realizado no Miami Art Central, 2006. São Paulo, SP: Pinacoteca do Estado de São Paulo; Miami, FL: Miami Art Central, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens da intimidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.



_____. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A poética do Devaneio.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BERGSON, Henry. **Matéria e Memória.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GONÇALVES, Vinícius de Oliveira. O Processo de Criação de Anna Maria Maiolino: Uma Discussão Referente à Estética do Inacabado. In: **Revista Farol**, vol. 14, p. 91-102. São Paulo: 26 de out. de 2020.

KRAUSS, Rosalind. **Caminhos da escultura moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAIOLINO, Anna Maria. Esculturas-Instalações e Instalações de argila. In: **textos ARTE anna**. 06 de mar. de 1999. Disponível em: <<https://annamariamaiolino.com/>>. Acesso em 19 de abril de 2023.

NAME, Daniela. Da lama ao caos, do caos à lama. In: **Celeida Tostes**, p. 53-81. São Paulo: Aeroplano, 2014.

PINTO, Regina Célia. **Quatro olhares à procura de um leitor: mulheres importantes, arte e identidade.** Dissertação de Mestrado do Programa de História da Arte. Área de Concentração em Antropologia da Arte. Escola de Belas Artes, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1994.

SILVA, Raquel. Breve neste local, Fábrica de Chapéus Mangureira. In: **Celeida Tostes**, p. 175-197. São Paulo: Aeroplano, 2014.

_____. **O Relicário de Celeida Tostes.** CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2006.

ⁱ Graduando em artes visuais da Universidade Estadual de Campinas, (UNICAMP). Cidade Universitária, Campinas, SP, 13083-060. E-mail: arturstrauchpdc@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1457162000267270>.

ⁱⁱ “Nossas percepções estão certamente impregnadas de lembranças, e inversamente uma lembrança, conforme mostraremos adiante, não se faz presente a não ser tomando emprestado o corpo de alguma percepção onde se insere” (Bergson, 1999, p. 70).

ⁱⁱⁱ Bachelard, 1998, p. 116.

^{iv} Citação de Anna Maria Maiolino, retirada da entrevista realizada por Carlos Albuquerque para a DW Brasil. 13 jun. 2012. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/artista-brasileira-é-destaque-na-documenta-em-2012/a-16032053>>. Acesso em: 26 dez. 2023.

^v Nesse ponto, a ação do FAZER adquire um novo significado para mim. A produção passa a ser a minha FORMA DE EXISTIR com a criação e é compartilhada com os materiais. Minhas MÃOS incorporam a função do PRIMEIRO MOLDE.” (Maiolino, 1999.)

^{vi} Silva, 2014, p. 195.

^{vii} Entrevista com Celeida Tostes, realizada por Regina Célia Pinto, em maio de 1992, para sua dissertação de mestrado “Quatro Olhares à procura de um leitor, mulheres importantes, arte e identidade”, Escola de Belas Artes da UFRJ, 1994. Disponível no livro Celeida Tostes, organizado por Marcus de Lontra Costa e Raquel Silva, de 2014.